

NA ESPERANÇA FOMOS SALVOS: A BENDITA ESPERANÇA EM CRISTO E SUA RELAÇÃO COM O SERVIÇO DIVINO QUE OCORRE NA LITURGIA DA PALAVRA E DOS SACRAMENTOS

IN HOPE WE WERE SAVED: THE BLESSED HOPE IN CHRIST AND
ITS RELATION TO THE DIVINE SERVICE IN THE LITURGY OF THE
WORD AND THE SACRAMENTS

Helvécio José Batista Júnior¹

Gerson Luis Linden²

Resumo: O tópico de pesquisa do presente artigo é a *bendita esperança* em Cristo, tendo como objetivo principal a análise de como essa esperança se fundamenta na obra redentora de Cristo, realizada em sua encarnação, morte e ressurreição, e também como essa esperança antecipa a plenitude que será revelada na Παρουσία. Para tanto, esta pesquisa aborda a tensão teológica entre o *já* e o *ainda não* presente no Novo Testamento, a partir da afirmação paulina contida em Romanos 8: “na esperança fomos salvos”. Visto que, nessa tensão, o aspecto da antecipação e vivência daquilo

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, ULBRA (Canoas, 2012). Especialista em Teologia com habilitação ao Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia (São Leopoldo, 2014). Mestre em Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia (São Leopoldo, 2024). Pastor na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) em Naviraí, MS. O presente artigo é uma adequação da dissertação final de mestrado, do Programa de Mestrado Livre em Ministério Pastoral do Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS.

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo (1984). Mestre em Novo Testamento (1993) e doutor em Teologia Sistemática (2017) pelo Concordia Seminary, St. Louis, USA.

que se espera são questões significativas, essa investigação revela que a liturgia da Palavra e dos sacramentos, conhecida como serviço divino, é o ambiente no qual os crentes já experimentam, mesmo que em partes, as bem-aventuranças eternas prometidas por Cristo, enquanto aguardam sua manifestação final. Conclui-se, portanto, a partir desse estudo, que a experiência litúrgica antecipa a realidade escatológica prometida pelo Senhor, proporcionando aos fiéis uma vida de esperança fundamentada na ressurreição do Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Palavras-chave: Esperança. Salvação. Liturgia. Serviço. Ressurreição.

Abstract: The research topic of this article is the blessed hope in Christ, with the primary objective of analyzing how this hope is founded on Christ's redemptive work, accomplished through His incarnation, death, and resurrection, and how this hope also anticipates the fullness to be revealed in the Παρουσία. To this end, this study examines the theological tension between the "already" and the "not yet" present in the New Testament, based on Paul's statement in Romans 8: "For in this hope we were saved." Given that, within this tension, the aspects of anticipation and the experience of what is hoped for are significant issues, this investigation reveals that the liturgy of the Word and the Sacraments, known as the Divine Service, is the setting in which believers already experience, albeit partially, the eternal beatitudes promised by Christ while awaiting His final manifestation. It is therefore concluded, based on this study, that the liturgical experience anticipates the eschatological reality promised by the Lord, providing the faithful with a life of hope grounded in the resurrection of the Lord and Savior Jesus Christ.

Keywords: Hope. Salvation. Liturgy. Service. Resurrection.

INTRODUÇÃO

O apóstolo Paulo, escrevendo aos cristãos de Roma, declara: "na esperança fomos salvos" (Rm 8.24).³ Esta afirmação chama a atenção para

3 Todos os textos bíblicos citados, exceto onde houver distinta menção, são extraídos da Bíblia Sagrada, versão Nova Almeida Atualizada (NAA), da Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

a necessidade de se conhecer o que é a *esperança*, visto que conforme as palavras do apóstolo, um dos destaques que nelas se sobressai é o fato de que a *esperança* é algo que está intimamente ligado à *salvação*. Para tanto, este artigo busca explorar essa temática, destacando a obra redentora de Cristo como o fundamento da esperança cristã, e a liturgia da Palavra e dos sacramentos como o espaço privilegiado onde essa esperança é, mesmo que em parte, antecipada e vivida no presente. Visto que nessa *bendita esperança* “fomos salvos” (Rm 8.24), é importante reconhecer que há aspectos do presente que contribuem para a compreensão do eterno. A encarnação do Senhor Jesus Cristo e sua obra redentora trouxeram, em certo sentido, o eterno para o agora, permitindo que o cristão viva diariamente na expectativa de que “aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). E um exemplo significativo dessa antecipação do eterno é o culto cristão, o momento em que ocorre a liturgia da Palavra e dos sacramentos, descrito também como o lugar onde “a experiência das últimas coisas já começa” (JUST, 2008, p.19). Dessa forma, esta pesquisa busca destacar a relevância dessa esperança para a vida cristã e sua expressão no presente.

Entre as abordagens tratadas neste artigo, destaca-se a tensão teológica denominada *já e ainda não*. Essa tensão indica que mesmo que a salvação *já* tenha sido alcançada, *ainda não* se experimenta plenamente tudo o que ela oferece em Cristo. Este ponto é extremamente significativo para esta pesquisa, pois, ao mesmo tempo em que enfoca a base da *bendita esperança* – o sacrifício de Cristo e sua gloriosa ressurreição –, também destaca que o crente continua orando e esperando pelo momento em que tudo o que foi conquistado por Cristo se tornará pleno e definitivo em sua história. Dessa forma, o crente olha para o Novo Testamento ciente de que há algo *já* realizado, mas *ainda* não plenamente consumado. Essa tensão é evidente, por exemplo, nas palavras de Jesus sobre o Reino de Deus, um tema relevante neste estudo. Em um mesmo contexto, ele declara: “Certamente é chegado o Reino de Deus sobre vocês” (Lc 11.20) e, ao mesmo tempo, ensina os discípulos a orarem: “Venha o teu Reino” (Lc 11.2). De maneira semelhante, Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, afirma que “o fim dos tempos tem chegado” (1Co 10.11), mas a conclui exortando os cristãos a orarem: “Maranata” (1Co 16.22), isto é, “vem, Senhor Jesus!”

Por fim, ao trazer este estudo para o ambiente do culto cristão, procura-se trabalhar como esse momento litúrgico, que é o ápice da vida cristã, pode refletir a *bendita esperança*. Visto que, como por exemplo, destaca Joseph Ratzinger, o culto da igreja de Cristo é “a Παρουσία contemplada antes do tempo, o *já* que entra em nosso *ainda não*” (HAHN, 2014, p.110)”. Além disso, Hummel enfatiza que “na liturgia, a terra se une ao céu para glorificar a Deus” (HUMMEL, 2009, p.58), o que, de certa forma, antecipa o que acontecerá na Παρουσία do Senhor. Nesse sentido, um olhar cuidadoso para aquilo que historicamente sempre foi comum ao culto cristão, especialmente a celebração eucarística, isto é, a santa ceia, faz-se necessário para as pretensões desta pesquisa. Afinal, como também ressalta Hummel, “a adoração atual do cristão na terra é uma espécie de aprendizado para aquilo que está por vir” (HUMMEL, 2009, p.59).

O objetivo, portanto, com esta pesquisa, é demonstrar que o culto cristão – a liturgia da Palavra e dos sacramentos – além de ser uma antecipação da realidade escatológica, é também um espaço, lugar, ambiente ou momento de fortalecimento da fé e da esperança dos crentes enquanto aguardam a consumação final e as bem-aventuranças eternas, conforme prometidas pelo Senhor e Salvador Jesus Cristo.

“JÁ” E “AINDA NÃO”

Em sua epístola aos Romanos, em 8.24, o apóstolo Paulo afirma que “na esperança fomos salvos”. E, para isso, ele faz uso da forma verbal ἐσώθημεν, primeira pessoa do plural do aoristo indicativo passivo, cuja raiz é σῶζω. Isso significa que o apóstolo está falando de algo que ocorreu no passado, ou que já começou e está ocorrendo, visto que a tradução simples desta expressão é “fomos ou somos salvos”. Entretanto, o contexto desta afirmação aponta também para algo que ainda se espera. E esse aspecto é evidente, pois alguns versos antes de dizer que “na esperança fomos/somos salvos”, Paulo usa diversas expressões que apontam para algo que ainda irá acontecer. Como por exemplo: a “criação aguarda a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8.19); e os crentes, gemendo em seu íntimo, estão “aguardando a adoção de filhos, a redenção do corpo” (Rm 8.23). A partir

disso, uma questão que se levanta é: a salvação é algo que *já* aconteceu ou é algo que *ainda* irá ocorrer? É possível que a melhor resposta para essa pergunta seja não um *isso* ou *aquilo*, mas um *sim*; isto é, *a salvação é algo que já ocorreu e é algo que ainda irá ocorrer*. Afinal, quando o apóstolo entrelaça esperança e salvação, revelando a íntima ligação que existe entre elas, ele chama a atenção para o fato de que a *salvação na esperança* é, sim, algo que, em certo sentido, *já* aconteceu, e isso se deu por ocasião da encarnação do Senhor, “o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou para a nossa justificação” (Rm 4.25); porém, essa salvação também *ainda* ocorrerá, visto que há promessas nas quais o crente e toda a criação se agarram que ainda não se cumpriram. E a principal delas é a ressurreição final dentre os mortos, que acontecerá no dia da gloriosa vinda de Jesus Cristo. Deste modo, o “somos/fomos salvos na esperança”, ressaltado por Paulo, indica a tensão que é constante em todo o Novo Testamento: *já* há salvação em Cristo “mediante a fé” (Ef 2.8); no entanto, este mesmo Cristo que “começou [esta] boa obra” *ainda* “há de completá-la” (Fp 1.6).

Gibbs (2014, p.16) analisa esse tópico, ressaltando que através da obra que Jesus realizou – seu sacrifício vicário no alto do madeiro e especialmente sua gloriosa ressurreição dentre os mortos – a assim chamada nova criação,⁴ que é uma das bênçãos que se aguarda para quando ocorrer a “adoção de filhos, a redenção do corpo” (Rm 8.23), de alguma forma, já adentrou os portões do agora. Desse modo, é uma realidade intrínseca à tensão do *já* e *ainda não*:

A nova criação, o fim da história (ou o seu recomeço), de fato, já começou. É claro que todo o ministério de Jesus foi a presença do futuro, o reino de Deus vindo agora antes do tempo. Mas o seu ministério marchou em direção a um objetivo em Israel. Ele voluntária e poderosamente tornou-se indefeso e fraco. Seus inimigos o mataram e, por um tempo, não houve esperança. Então Deus o ressuscitou dentre os mortos, como havia dito. O corpo de Jesus, e propriamente Jesus, é a nova criação.

4 Expressão que vem da afirmação paulina em 2Coríntios 5.17, onde está escrito: “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura [nova criação]; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”.

Essa verdade, no entanto, não invalida o fato de que, embora algo que se espera já tenha ocorrido, ainda há algo por vir. O apóstolo João, por exemplo, abordou essa questão de maneira profunda ao escrever aos cristãos: “Agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que haveremos de ser” (1Jo 3.2a). Em outras palavras, o que se espera *já* é uma realidade, graças ao que Cristo realizou por meio de sua encarnação. Contudo, *ainda* é necessário ter “essa esperança” (1Jo 3.3), pois, quando Cristo se manifestar, “seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1Jo 3.2b).

De acordo com a sua própria natureza, a esperança cristã olha para um futuro invisível, mas é uma antecipação alegre e certa do que está por vir por causa da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Fundamentada na obra expiatória de Cristo, atinge seu ápice com o seu retorno no final dos tempos, quando todos os que creem nele entrarão na presença de Deus. Embora a plena realização da esperança cristã esteja no futuro, de certo modo também é uma realidade presente. Aqueles que têm fé em Cristo têm vida eterna agora mesmo. Os cristãos “já passaram da morte para a vida” (Jo 5.24). A esperança cristã, portanto, inclui tanto o presente quanto o futuro, o “agora” e o “ainda não” (RAABE, KETTNER, 2022, p.1177).

A tensão do *já* e *ainda não* auxilia na compreensão do fato de que na pessoa e na obra de Cristo há algo já cumprido, já feito, já realizado; ao mesmo tempo em que ainda existem promessas que emanam de sua pessoa e obra; isto é, ainda há de se esperar pela plenitude desse cumprimento, desse feito e dessa realização. Porém, além disso, essa tensão indica que a vida do crente no agora, de algum modo, se firma no que ocorreu ao mesmo tempo em que aponta para o eterno, isto é, para aquilo que ainda há de vir. E o aspecto, momento ou espaço em que isso se revela de forma mais clara é na liturgia, isto é, no serviço divino da Palavra e dos sacramentos,⁵

5 O culto cristão, tradicional e historicamente, é estruturado a partir da leitura, meditação e ensino das Sagradas Escrituras, juntamente com a celebração da eucaristia (Cf. Atos 2.42 e 20.7). Nesta pesquisa, usa-se o termo “culto cristão” ou “serviço divino” – expressão que provém do termo alemão “Gottesdienst” – para descrever o que acontece nesse momento litúrgico. Essa definição baseia-se na compreensão de “igreja” apresentada no Artigo VII da Confissão de Augsburg de 1530: “A igreja cristã é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho”.

que comumente nas diversas vertentes cristãs é chamado de missa, culto ou assembleia dos crentes.

Jesus Cristo já veio por meio do milagre da sua encarnação, realizada pelo Espírito Santo na Virgem Maria. Ele cumpriu as promessas feitas por Deus ao seu povo desde o princípio e inaugurou uma nova era, uma nova criação, especialmente por meio de sua ressurreição dos mortos. Nele, tudo “está consumado” (Jo 19.30). No entanto, é ele mesmo quem prometeu que retornaria, indicando que *ainda* há mais capítulos nessa história. Enquanto aguardam sua vinda, os crentes, que vivem nessa tensão do *já* e *ainda não*, têm o privilégio de experimentar, mesmo que em parte, as bem-aventuranças eternas no presente. Ao mesmo tempo, oram conforme o ensinamento de Jesus: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10).

O REINO DE DEUS

O Senhor Jesus Cristo, após ser batizado por João Batista (Mc 1. 9-11) e sofrer as tentações do inimigo no deserto (Mc 1.12-13), deu início ao seu Ministério com a seguinte proclamação: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependam-se e creiam no evangelho” (Mc 1.15). Ou seja, na sua pessoa o tempo se cumpriu, isto é, o tempo de restauração anunciado pelos profetas e ansiado pelo povo de Deus chegou; e esta chegada é visível e palpável pela presença de algo que está muito próximo – ἤγγικεν – no sentido de uma coisa perto da outra, e este é ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ – expressão que normalmente é traduzida para o português como “o Reino de Deus”, mas que também sugere o sentido de “o reinado de Deus”. Portanto, também na sua pessoa, o Reino

Portanto, “para a verdadeira unidade da igreja cristã é suficiente que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com uma compreensão pura e os sacramentos sejam administrados em conformidade com a palavra divina” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.52). Atrelado a isso, o Artigo IV da Apologia da Confissão de Augsburg de 1531 destaca que culto é receber “os benefícios oferecidos por Deus”, pois, “pela fé, Deus quer ser adorado de tal maneira que dele recebamos o que ele promete e oferece” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.164). E este ato de culto, que é propriamente a missa, ocorre quando “o sacramento [lê-se, a santa ceia, a eucaristia] é administrado aos que querem fazer uso dele, depois de terem sido julgados e absolvidos” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.288).

de Deus⁶ agora está perto, adentrando e tocando a criação.

Ladd (2008, p.9) comenta que “o Reino de Deus é a mensagem central do Ministério de nosso Senhor”. E isso faz sentido, pois quando se olha para outros textos em que se trata a respeito, encontra-se, por exemplo que “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino” (Mt 4.23); e exortava os seus seguidores, dizendo: “Busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6.33). Além disso, há o grandioso e impactante diálogo com o fariseu Nicodemos, em que Jesus deixa claro a importância deste Reino, relacionando o fazer parte dele com o ser salvo:

Jesus [disse]: – Em verdade, em verdade lhe digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus. Nicodemos perguntou: – Como pode um homem nascer, sendo velho? Será que pode voltar ao ventre materno e nascer uma segunda vez? Jesus respondeu: – Em verdade, em verdade lhe digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3.1-5).

Essas referências destacam a relevância deste conceito no Ministério e no ensino de Jesus. Porém, há outro aspecto que merece atenção. Aproveitando a tensão do *já e ainda não*, observa-se que, no que se refere ao “Reino de Deus”, essa é especialmente evidente. Pelo testemunho direto de Jesus, percebe-se que esse Reino abrange tanto o presente quanto o

6 A expressão “Reino de Deus”, dentro do Novo Testamento, ao que parece, possui muito mais um sentido dinâmico, de ação, do que algo local. Por isso, alguns estudiosos sugerem que uma boa forma de ler e traduzir βασιλεία τοῦ θεοῦ seria por “Reinado de Deus”. Um desses estudiosos que muito se dedicou ao tema é George Ladd, especialmente em suas obras *O Evangelho do Reino* (2008) e *A presença do futuro* (2021). Nessas obras, Ladd concebe o Reino como reinado, ressaltando o governo de Deus, nesta era, no coração e na vida daqueles que estão nele, e, na era vindoura, sobre todo o universo. Ele afirma: “O Reino de Deus é a sua realza de Rei, seu governo, sua autoridade. Uma vez reconhecido isso, encontramos passagem após passagem do Novo Testamento que deixam evidente esse sentido, passagens em que o Reino não é uma região, um domínio, nem um povo, mas o reinado de Deus” (LADD, 2008, p.22). “O Reino de Deus, portanto, é a realização da vontade de Deus e o gozo das bênçãos que a acompanham” (LADD, 2008, p.25). “Portanto, a interpretação do Reino de Deus como domínio ou governo de Deus [isto é, reinado de Deus] deve ser entendida como o significado histórico correto da proclamação de Jesus” (LADD, 2021, p.150). Esse é um argumento que faz sentido. Afinal, βασιλεία é um vocábulo que possui a ideia verbal de “reinar”. Além disso, τοῦ θεοῦ estando no genitivo, o que expressa uma relação, faz com que Deus seja ou o sujeito (como um genitivo subjetivo) ou o objeto (como um genitivo objetivo). Sendo ele o sujeito ou o objeto deste reinar, a frase βασιλεία τοῦ θεοῦ expressa que “Deus agindo” é um coerente significado para “Reino de Deus”.

futuro. De fato, o mesmo Jesus que declarou: “certamente é chegado o Reino de Deus sobre vocês” (Lc 11.20) é aquele que, pouco antes, ensinou seus seguidores a orar, clamando: “Venha o teu Reino” (Lc 11.2). É válido também notar a sensibilidade literária de Lucas em ressaltar essa tensão dentro de um mesmo capítulo de seu registro.

O Reino de Deus, portanto, é a vida na qual os seguidores de Jesus já estão, como explica Paulo, ao dizer que Deus já “nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a remissão dos pecados” (Cl 1.14); ao mesmo tempo que também é herança que Deus ainda concederá e da qual os seus filhos desfrutarão, com bem ressalta Pedro, ao falar de quando ocorrerá “a entrada no Reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 2.11). Ladd (2008, p.19), justapondo diversos textos do Novo Testamento, que assim revelam essa questão, afirma: “O Reino é um domínio no qual os homens entram agora (Mt 21.31), e no qual, todavia, entrarão amanhã (Mt 8.11). Ele é, ao mesmo tempo, um presente de Deus que será conferido, pelo Senhor, no futuro (Lc 12.32) e que, no entanto, precisa ser recebido no presente (Mc 10.15)”.

Diante disso, dois aspectos são ressaltados: o primeiro é o fato de que o Reino de Deus é o reinado que se espera pela consumação da *bendita esperança* cristã, quando Jesus Cristo vier novamente em glória e então ocorrer a “adoção de filhos, a redenção do corpo” (Rm 8.23), isto é, a ressurreição dentre os mortos. Afinal, como a igreja confessa em seu Símbolo Niceno, por causa disso: “o Reino não terá fim” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.34). E o segundo aspecto é que, de alguma forma, essas bem-aventuranças que se espera já são realidades presentes na vida do crente e por ele já são desfrutadas. Por isso, cabe, nesta reflexão, uma pergunta simples: Qual é o sentido ou significado deste Reino de Deus que *já* é, mas que também *ainda* virá?

Lutero (2021. p.480-481), em seu Catecismo Maior, fornece uma resposta para essa questão, ao explicar o significado da segunda petição da oração do Senhor, “venha o teu reino”:

O que significa Reino de Deus? Outra coisa não é senão o que ouvimos no Credo, que Deus enviou Cristo, seu Filho, nosso Senhor, ao mundo para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança,

contra o pecado, a morte e a má consciência. Para tanto nos deu também o seu Espírito Santo, para que nos expusesse isso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e fortalecesse na fé. [...] Porque “a vinda do Reino de Deus a nós” ocorre de duas maneiras: primeiro aqui e agora, mediante a palavra e a fé; em seguida, na eternidade, pela revelação. [...] A partir disso você pode perceber que não pedimos, aqui, uma esmola ou algum bem temporal, passageiro, mas um tesouro eterno, excelso, e tudo aquilo que o próprio Deus dispõe.

O Reino de Deus, portanto, é algo que se manifesta na presente era por meio da palavra de Deus; isto é, por meio daquele que é a Palavra (Jo 1.1-3), Jesus Cristo, e por meio de sua Palavra. O reinado de Deus é sempre percebido onde Cristo está presente e sua Palavra é proclamada, crida e vivida. O próprio Jesus associou sua Palavra e sua presença misericordiosa, de maneira especial, a elementos que ele vinculou a si mesmo e à sua graça, a saber: o batismo, a absolvição, a eucaristia, bem como o ensino e a pregação. Isto é, na Palavra e nos sacramentos.

Esse vínculo feito por Jesus é importante, pois auxilia a perceber no agora onde o Reino de Deus ocorre. E mesmo que isso não venha a esgotar essa questão, esse fator implica que a liturgia, isto é, o serviço divino da Palavra e dos sacramentos, é onde é possível viver e desfrutar do Reino de Deus, o que indica que aquilo que tanto se espera, aquilo que é a *bendita esperança* cristã, de certo modo, já se faz presente e pode ser perceptível e vivido no assim chamado culto cristão. E esse culto, por tudo isso que o envolve e preenche, é um “pedacinho do céu na terra” (LADD, 2008, p.24), é a antecipação do eterno no agora. Afinal, nele se tem “a vinda do Pastor para o seu rebanho, o Noivo para a sua noiva, a Cabeça para o seu corpo” (WIETING, 2017, p.38).

O SERVIÇO DIVINO

Os capítulos finais das Sagradas Escrituras, os dois últimos do livro de Apocalipse, descrevem o que ocorrerá quando chegar o glorioso momento da volta do Senhor e Salvador Jesus Cristo. E ao meditar neles, Wright (2009. p.35), por exemplo, destaca alguns pontos significativos, mas que, por vezes, podem passar despercebidos na leitura do texto.

Deus criou os céus e a terra, e no final, ele irá restaurá-los e uni-los para sempre. Quando chegamos à verdadeira imagem do dia final nos capítulos 21 e 22 do Apocalipse, não encontramos as almas resgatadas, sem corpo, andando pelo céu, mas a Nova Jerusalém descendo do céu e unindo-se à terra em um abraço eterno.

A leitura proposta de Apocalipse 21 e 22 é significativa para a presente pesquisa, especialmente por destacar que, no momento da vinda do Senhor, ele trará consigo todas as almas que descansam nele, para que, após a gloriosa ressurreição dos mortos, o crente seja restaurado plenamente – tanto em corpo quanto em alma. Dessa forma, haverá uma plena comunhão entre o Senhor e os seus, assim como entre o novo *καὶνὸν* céu e a nova *καὶνήν* terra. A partir daquele dia, quando se concretizar a tão aguardada “adoção de filhos, a redenção do corpo” (Rm 8.23), o Senhor habitará com os seus. “Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles” (Ap 21.3). Por isso, a cortina cinzenta desta era se rasga, revelando que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que será manifestada nos filhos de Deus (Rm 8.18). Assim, João declara: “[O Senhor] enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21.4). Finalmente, aquele que está no trono, o Senhor, proclama: “Eis que faço novas [*καὶνὰ*] todas as coisas” [*πάντα* – ou seja, cada coisa, qualquer coisa, todos e tudo; o que implica que essa promessa não se limita aos seres humanos, mas abrange toda a criação] (Ap 21.5a). E ele ordena: “Escreva, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 21.5b).

É importante ainda citar que a última promessa deixada por Jesus, após revelar como será o dia em que há de vir em toda a glória e majestade, não é um “espero receber vocês aqui”, mas, sim: “certamente venho sem demora” (Ap 22.20a). E atrelado a isso, o último “amém” dito por João, diante desta palavra de Jesus, é acompanhado de uma oração: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20b). Ou seja, um Deus que vem é a promessa a se agarrar; e a espera pela sua vinda, e tudo o que disso decorrerá, torna-se a base da oração a se fazer.

Mas o que essa imagem que aparece nos últimos capítulos de Apocalipse tem a ver com o serviço divino, a liturgia da Palavra e dos

sacramentos? Na introdução do hinário da Igreja Luterana – Sínodo de Missouri (LUTHERAN SERVICE BOOK, 2006, viii), há uma interessante descrição sobre a forma que Deus serve à sua igreja; e nessa descrição, observa-se que as coisas que acontecem no culto cristão estão bastante alinhadas com o que se espera:

Através dos Meios da Graça [Palavra e Sacramentos], o Senhor vem entre nós e nos concede o perdão e a salvação, libertando-nos de nossos pecados e fortalecendo-nos para o nosso serviço em amor uns com os outros e para o mundo. No Santo Batismo, o Senhor coloca sobre nós o seu Nome, derramando seu Espírito Santo em nossos corações e nos resgatando do pecado, da morte e do inferno. Através da Santa Absolição, o Senhor pronuncia seu gracioso perdão a nós de novo e de novo. Com a sua Santa Palavra, escrita nas Escrituras e pregada aos nossos ouvidos, o Senhor proclama seu amor para conosco. Por fim, na Santa Ceia, o Senhor nos dá o seu próprio Corpo e o seu próprio Sangue para comermos e bebermos – um presente inestimável que nutre e fortalece nosso corpo e nossa vida.

É inegável que essa descrição se assemelha à visão joanina. No serviço divino, o Senhor vem entre os seus, libertando-os de seus pecados e conduzindo-os a amar e a servir ao próximo e a toda a criação. Isso enfatiza a Παρουσία do Senhor, sua vinda e presença no culto cristão. Por isso, coisas extraordinárias acontecem durante a liturgia da Palavra e dos sacramentos. Por exemplo, pelo nome do Senhor ser colocado sobre os seus, há livramento da morte e do inferno. Além disso, há perdão e amor preenchendo os corações dos crentes. E, como se isso não fosse suficiente para uma renovação, há ainda o alimento mais precioso – o próprio Senhor. Aqueles que recebem seu corpo e sangue são nutridos tanto no corpo quanto na alma. Se o culto cristão é esse serviço divino, então é possível dizer que, de forma milagrosa, porém real e concreta, ele é o próprio céu na terra. Ali se expressa o Reino de Deus pelo qual os cristãos oram. Aquele que *ainda* “vem sem demora” *já* vem em cada culto. Essa vinda, essa presença – a Παρουσία – é tão verdadeira e concreta quanto a descrita pelo apóstolo João no Apocalipse. Sobre isso, Just (2008, p.23) afirma: “O mais significativo dessas últimas coisas é a plena comunhão com o Senhor, uma comunhão que já agora experimentamos através do

Batismo, do ouvir da sua Palavra, e de sua Santa Ceia. A experiência das últimas coisas já começa no culto”.

De acordo com Hummel (2009, p.47), Deus está constantemente intervindo na história humana e terrena. No entanto, “há certos momentos e lugares em que essa intervenção é mais evidente”, sendo a liturgia da Palavra e dos sacramentos um dos principais exemplos. A adoração cristã atual é vista como um aprendizado para o que está por vir (HUMMEL, 2009, p.59). Portanto, o culto cristão é essencialmente um evento escatológico, celebrando o céu na terra como uma antecipação do novo céu e da nova terra, devido à Παρουσία do Senhor, sua presença real e atuante através da Palavra, do batismo, da absolvição e da santa ceia. A salvação conquistada em Cristo, que garante a vitória final sobre a morte e todas as suas consequências por meio da ressurreição, estabelece para sempre o Reino de Deus, pelo qual se ora para que venha. Essa realidade também se manifesta no culto cristão, onde a vinda do Reino de Deus ocorre “aqui e agora, mediante a Palavra e a fé” (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.481). Em Cristo, o Reino de Deus “é inaugurado nesta era [ἐν τούτῳ τῷ αἰῶνι], mas será consumado no século vindouro [ἐν τῷ μέλλοντι]” (RAABE, KETTNER, 2022, p.1185).

MARANATA

Como já pontuado, o último clamor que se encontra nas Sagradas Escrituras é aquele que aparece no último capítulo do livro de Apocalipse, após a promessa escatológica do Senhor Jesus Cristo: “Certamente, venho sem demora” (Ap 22.20a). Ao lado dessa promessa certa há o pedido: “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22.20b). Essa súplica possivelmente tem por base a expressão usada pelo apóstolo Paulo ao final de sua primeira epístola aos cristãos de Corinto: Μαράναθά (1Co 16.22), uma transliteração do hebraico: מָרָנָא תָּא.

Cullmann (2002, p.275) lembra que etimologicamente essa expressão pode ter dois sentidos. Por exemplo: Μαράν αθά, que considera o verbo como sendo do modo indicativo, que quer dizer “nosso Senhor vem”; e Μαράνα θά, tendo o verbo no modo imperativo, que se traduz por “Senhor nosso, vem”. Entretanto, a segunda opção parece ser a mais provável, e isso

devido a bons argumentos a respeito do uso de expressões do hebraico e do aramaico que remetem à confissão de fé e orações no Novo Testamento. Porém, o mais decisivo argumento para isso se dá justamente pela compreensão em Apocalipse dessa expressão no contexto da vinda do Senhor Jesus; e atrelado a este, o uso que sua forma aramaica teve no Didaque:⁷

No Apocalipse de João que contém, aliás, numerosos elementos litúrgicos antigos, se encontra, no penúltimo versículo do último capítulo, um chamado que deve ser certamente a tradução grega desta antiga fórmula e que nos permite, pois, ver que o autor a tinha compreendido como um imperativo, como uma oração: “vem, Senhor!” (22.20). Em sua forma aramaica esta fórmula se acha outra vez na coletânea de liturgia mais antiga que possuímos: o Didaque (10.6), onde finaliza uma oração eucarística (CULLMANN, 2002, p.276).

De acordo com a Bíblia de Estudos da Reforma (2017, p.1954), era bastante comum no primeiro século que se usasse o hebraico e também o aramaico como a língua para a liturgia, visto que assim ocorria no Templo em Jerusalém e, à medida que os cristãos viajavam, naturalmente levavam junto suas práticas comuns. A congregação de Corinto, por exemplo, iniciou-se a partir da pregação do apóstolo Paulo em uma sinagoga (At 18.4-8). Por conta desse contexto cultural-religioso dos primeiros cristãos, é plausível que em suas cartas escritas em grego, o apóstolo tenha feito uso do hebraico e/ou do aramaico quando incluía termos ou títulos litúrgicos. Atrelado a isso, Cullmann (2002, p.277), em seu estudo sobre a expressão מְרִנָּאתָא chama a atenção ainda para o fato de que também era muito comum que as cartas enviadas por Paulo fossem lidas no contexto litúrgico de cada lugar, antes, obviamente do “partir do pão”, isto é, da celebração eucarística, e, por isso, argumenta:

7 Também chamado de “Instrução dos Doze Apóstolos” ou “Doutrina dos Doze Apóstolos”, é um escrito catequético e litúrgico do primeiro século, constituído de dezesseis capítulos e considerado com valor histórico e teológico. O seu título lembra a referência de “e perseveravam na doutrina dos apóstolos” (At 2.42). E ele, que é citado por Eusébio em sua grande obra *História Eclesiástica* (2020, p.148) pode ser definido como sendo uma compilação anônima de diversas fontes derivadas da tradição viva de comunidades eclesiais (Cf. Rordorf, W. “Didaché”. In.: Di Berardino, A. *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.404, 405).

O apóstolo sabe que suas Epístolas devem ser lidas durante o desenvolvimento do culto, no momento do partir do pão. O curto parágrafo com que termina a primeira Epístola aos Coríntios, no qual se encontra Maranatha, deve ser também um fragmento da liturgia da santa ceia, análoga à do Didaque: “Se alguém não ama ao Senhor que seja maldito! Maranatha! A graça do Senhor Jesus seja convosco!”

Por que usar Μαράναθά na liturgia, especialmente como uma expressão associada à eucaristia? Porque, no culto cristão, especialmente no sacramento do altar, experimentamos de forma concreta o “Verbo [que] se fez carne” (Jo 1.14) – o serviço divino por excelência, onde Deus desce até o homem, oferecendo-se e servindo-o com seu corpo e sangue. Nesse sentido, o culto é também uma antecipação da glória futura que será revelada (Rm 8.18). Assim, a oração Μαράναθά, de certa forma, se cumpre na celebração eucarística. Contudo, embora o Senhor *já* esteja presente sacramentalmente no culto, *ainda* clamamos por sua vinda em plenitude. É o que fazemos também na oração do Pai-Nosso, liturgicamente ligada à santa ceia, quando pedimos: “Venha o Teu Reino”. Pois, embora o Reino de Deus *já* esteja em ação, *ainda* ansiamos por sua manifestação plena. Portanto, o uso de Μαράναθά no culto cristão, especialmente em conexão com a eucaristia, é algo apropriado e significativo. “No Sacramento, Cristo dá a si mesmo a mim. Todas as suas promessas e tudo o que ele fez para a minha redenção e para o meu perdão na cruz são tão tangíveis que podemos saboreá-los” (VEITH JR, 2014, p.53).

Isso é significativo. Pois, ao usar a expressão Μαράναθά na liturgia, os cristãos do primeiro século já testemunhavam e confessavam que o Reino de Deus já fora inaugurado pelo Senhor Jesus; que a obra que será plena no último dia já havia sido iniciada por ele nos seus; e que, sim, ele que prometeu vir no último dia também antecipa sua vinda de maneira sacramental por meio da eucaristia em cada culto. Deste modo, há um cumprimento de sua promessa “certamente venho sem demora” *já* no agora, e isso aponta e garante o “cumprimento do cumprimento” dessa promessa no dia que *ainda* ocorrerá.

Ao escutar esta invocação [Μαράναθά] pensamos, antes de tudo, em uma oração escatológica; uma oração que implora a vinda do Senhor no fim dos tempos, sobretudo se se pensa na primeira parte

da oração dominical. Porém, sabemos que no cristianismo primitivo todo o culto era considerado como as primícias do Reino de Deus: na igreja reunida já se produzia o que, no fim dos tempos, haveria de ser uma realidade durável. Isto caracterizava o culto conferindo-lhe sua grandeza. É principalmente durante o “partir do pão” da celebração eucarística, que a “vinda” de Cristo, ou antes, o seu anunciado regresso, acha sua antecipação. Só no fim dos tempos ele voltará à terra; entretanto, volta já agora ao seio de sua igreja reunida para o partir do pão (CULLMANN, 2002. p.277).

As palavras e o ensino de Jesus, por ocasião da instituição da santa ceia, são a base para esta compreensão. Afinal, é o próprio Cristo quem vincula este sacramento à *bendita esperança*, ou seja, à realidade que se consumará em sua vinda definitiva. Isso fica claramente expresso nos evangelhos sinóticos: “E digo a vocês que, desta hora em diante, nunca mais beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que beberei com vocês o vinho novo, no Reino de meu Pai” (Mt 26.29); “Em verdade lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até aquele dia em que beberei o vinho novo, no Reino de Deus” (Mc 14.25); “Pois eu digo a vocês que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus” (Lc 22.18). Paulo também referencia essa realidade ao declarar: “Todas as vezes que comerem este pão e beberem o cálice, vocês anunciam a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11.26).

Compreendemos melhor agora tudo o que a igreja esperava quando orava: Maranatha! “Senhor, vem!” Ela não lhe pedia meramente para que apressasse o dia de seu retorno final, mas lhe pedia também que aparecesse no meio dela, à sua mesa, como havia aparecido no Domingo de Páscoa, para consolá-la e assegurá-la de seu próximo regresso. E para quantos, durante o partir do pão, experimentavam sua vinda, a esperança do retorno definitivo não haveria de ser um dogma no qual se deveria crer somente por adesão à tradição. Eles sabiam, com efeito, por experiência pessoal, que o Senhor podia descer à terra e renovavam esta experiência cada vez que se reuniam e oravam juntos pela vinda do ressuscitado. Sabiam também que o Senhor haveria ainda de aparecer nesta terra quando viesse para a consumação de todas as coisas. A igreja de então [portanto,] não “esperava” somente o fim dos tempos, mas que o “vivia”, de maneira imediata, no banquete eucarístico (CULLMANN, 2002, p.278-279).

Apocalipse 21 e 22 lembra os cristãos que um dia, quando Cristo vier em sua glória e majestade, haverá redenção, haverá renovação de toda a criação, “o novo céu e nova terra” (Ap 21.1), por ocasião da ressurreição dentre os mortos (Ap 21.2). Dessa forma, ocorrerá o reencontro de todos os crentes, e unidos serão para sempre o povo de Deus, e Deus mesmo fará sua morada junto deles em um misericordioso e eterno abraço do céu e da terra (Ap 21.3). Por causa disso, nenhuma consequência do pecado existirá, e os crentes e toda a criação estarão enfim libertos do cativo da corrupção e de tudo o que ele envolve (Ap 21.4). Assim, a vida que não tem fim será uma realidade em tudo e em todos que a desfrutarão junto do Senhor (Ap 21.5). Vale muito esperar por isso. Porém, já é possível ter um gosto dessas bênçãos, já é possível viver uma antecipação dessas maravilhas, já é possível clamar *Μαράναθά* na certeza de que essa oração também se cumpre no agora, da mesma forma que se clama “venha o teu Reino”, e o Reino de Deus que ainda virá também vem entre os crentes. Este *já* que invade o *ainda não* é o culto cristão, é o sublime serviço divino realizado aos seus, é a vivência e o desfrute da liturgia da Palavra e dos sacramentos.

Em nossa liturgia, nos unimos a todos os santos em uma única assembleia de culto, porque Jesus Cristo está presente tanto no céu quanto na terra. Os santos do céu e da congregação em culto na terra manifestam a sua unidade em uma única liturgia. Nesta liturgia, a igreja diz ao mundo que a sua história é eterna porque Jesus Cristo, o eterno, agora habita no mundo (JUST, 2008, p.20).

VIVENDO NA BENDITA ESPERANÇA

Na *esperança*, por causa de Cristo – especialmente em virtude de seu sacrifício no Calvário e sua gloriosa ressurreição ao terceiro dia – a salvação já é uma realidade. Ao mesmo tempo, por causa deste mesmo Cristo, que virá da mesma forma como foi visto subir aos céus (At 1.11), ainda se aguarda pela salvação. Nessa tensão, aquilo que o Filho do Altíssimo realizou por meio do milagre de sua encarnação aproximou o Reino de Deus de tal forma que, na era presente, onde quer que a fé e a sua Palavra tenham primazia, o reinado do Senhor já acontece. No entanto, os crentes,

continuam a orar: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10).

Ao contemplar as bem-aventuranças reservadas aos seguidores de Cristo, conforme descritas nos capítulos finais de Apocalipse, percebe-se que o ápice da glória futura será a presença do Senhor em meio ao seu povo – uma presença que, embora de forma oculta,⁸ já acontece por meio da liturgia da Palavra e dos sacramentos.⁹ Por isso o crente, ao se apegar à última promessa de Cristo: “Certamente venho sem demora” (Ap 22.20a), ora com confiança: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20b), ou seja, *Μαράνα θά*. Ao fazer isso, ele confessa sua fé na vinda sacramental de Jesus no serviço divino, especialmente na eucaristia, e, ao mesmo tempo, confia que este Senhor que vem no presente, certamente virá em glória, conforme prometido.

O serviço divino, que ocorre na liturgia da Palavra e dos sacramentos, historicamente conhecido como culto cristão, é, por conter em si todos esses aspectos, o lugar por excelência onde se vive a *bendita esperança*. Nele, toda a realidade da Παρουσία do Senhor, sua vinda e presença, se manifesta. Em outras palavras, no culto cristão, o crente está diante do Senhor que veio, que vem e que virá. O Senhor que, ao longo de toda a história da redenção, não age para destruir, mas para restaurar; o Senhor que não propõe uma fuga da criação, abandonando aquilo que, no princípio, foi declarado “muito bom” (Gn 1.31), mas que, ao contrário, entra em sua criação, faz morada nela e até utiliza de seu fruto, para que um dia, em sua

8 O conceito de “oculto” que aqui se usa carrega em si o sentido de “presente, porém, não visto plenamente”. Ou seja, na Palavra e nos sacramentos o Senhor Jesus Cristo está verdadeiramente presente. Porém, ele está oculto aos olhos e à racionalidade humana nesses meios que ele mesmo instituiu.

9 Dizer que o culto é o lugar ou momento em que se vive a bendita esperança se sustenta pelo fato de que ali é onde se recebe e se experimenta – como que por antecipação – aquilo que se espera desfrutar por ocasião da vinda de Cristo e a ressurreição final. Justamente por ser este ambiente, o culto – como já mencionado nesta pesquisa – é o momento ou lugar em que o Senhor vem entre os seus, libertando-os de seus pecados e conduzindo-os a amar e a servir ao próximo e a toda a criação. Ou seja, além de todas as bênçãos que o culto cristão concede, ele ainda é o meio pelo qual o Senhor faz com que sua missão aconteça, inclusive conduzindo os seus a testemunhar e compartilhar dessa esperança, o que certamente influenciará a sua maneira de viver o dia a dia e sua relação com o semelhante e com a criação como um todo (Cf. CTCR – LCMS. *Together with All Creatures*. Caring for God’s Living Earth. St. Louis: Concordia Publishing House. 2010. Lathrop, Gordon W. *Holy Things: A Liturgical Theology*. Fortress Press, 1993).

paz, reconcilie consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão nos céus (Cl 1.20).

Se a bendita esperança tem como fundamento a ressurreição de Jesus e culmina na ressurreição final, então a eucaristia torna-se a expressão dessa esperança. Como seu ápice, ela antecipa o que acontecerá na vinda última do Senhor. Nela, Cristo desce do céu e toca a terra, e o banquete eterno é servido na e por meio da criação. Aquilo que ocorrerá no novo céu e na nova terra, quando o Reino de Deus for plenamente estabelecido, já ocorre agora, especialmente no sacramento do altar. Nele, os crentes se tornam aquilo que Deus os criou para ser, juntamente com toda a criação: recipientes de graça e misericórdia.

Para ainda fazer menção de algo relevante quanto à ressurreição, vale pontuar que o Credo Niceno, usado historicamente como profissão de fé na liturgia da Palavra e dos sacramentos para expressar a resposta do povo de Deus ao serviço divino que ali está ocorrendo, testemunha como a doutrina da ressurreição está encravada no culto cristão. Afinal, no Credo (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2021, p.34-35), os três aspectos, por assim dizer, da ressurreição, aparecem de forma clara. A ressurreição corporal de Jesus, que historicamente aconteceu ao terceiro dia de sua morte: “creio em um só Senhor Jesus Cristo [que] ao terceiro dia ressuscitou, segundo as Escrituras”; a ressurreição batismal, que também pode ser denominada de ressurreição espiritual, que acontece na vida daqueles que agora creem no Senhor Jesus: “confesso um só Batismo, para a remissão dos pecados”; e a ressurreição futura e definitiva, que se espera por ocasião da vinda de Cristo: “e espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro”. Esses três juntos testemunham aquilo que no culto cristão se crê, se confessa e se espera.

A vinda do Senhor e a ressurreição dos mortos revelarão a glória de Deus e libertarão toda a criação, realizando a “adoção de filhos, a redenção do corpo” (Rm 8.23). O Reino de Deus será pleno, e seus súditos, junto com o Rei, desfrutarão eternamente da renovação de todas as coisas, conhecida nas Escrituras como o “novo céu e nova terra”. Tudo isso pode ser crido, confessado, esperado e, também, experimentado como que por uma antecipação no lugar ou momento em que o Senhor vem, em que a ressurreição acontece, em que o Reino de Deus está entre os seus súditos e em que todas as coisas já estão sendo feitas novas. E esse lugar ou momento é o culto cristão, o serviço divino, a liturgia da Palavra e dos sacramentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que a tensão entre o *já* e o *ainda não* é um elemento central na teologia cristã, especialmente no que diz respeito à salvação e à esperança escatológica. A obra redentora de Cristo, realizada em sua encarnação, morte e ressurreição, inaugurou uma nova criação e garantiu a justificação dos crentes por meio da fé. No entanto, a plenitude dessa redenção será manifestada apenas na parousia, quando Cristo retornará e quando ocorrerá aquilo que o apóstolo Paulo descreve como sendo o dia da “adoção de filhos, da redenção do corpo” (Rm 8.23), isto é, o momento da ressurreição dentre os mortos.

Este dia ainda está por vir, mas o povo de Deus já vive e desfruta, em parte, das bem-aventuranças eternas que serão plenas a partir dele por meio do serviço divino na liturgia da Palavra e dos sacramentos, ou seja, no culto cristão. Nesse culto, como destaca Hummel (2009, p.53): “A Igreja aguarda a vinda última de Cristo, embora no próprio Novo Testamento [essa distinção das vindas do Senhor] seja semiartificial. O fim dos tempos chegou aos cristãos (1Co 10.11), mas o dia e a hora do fim ninguém sabe”.

O crente, por conta disso, ora para que o Reino de Deus venha e sua vontade seja feita na terra como no céu (Mt 6.10), crendo que o Reino já vem no presente, mas ainda se manifestará plenamente no futuro.

Μαράναθά, portanto, é a expressão que resume a vida cristã no agora em perspectiva da *bendita esperança* cristã, ao mesmo tempo que molda o culto cristão. Afinal, esta expressão encapsula a expectativa da segunda vinda de Cristo, que é garantida pela sua ressurreição. Ademais, na liturgia da Palavra e dos sacramentos, especialmente na eucaristia, os crentes celebram a vitória de Cristo sobre a morte e antecipam a plenitude dessa vitória. Deste modo, o uso de Μαράναθά em 1Coríntios 16.22 e da fórmula que expressa esse conceito em Apocalipse 22.20 revelam a profunda conexão entre o culto cristão e a esperança escatológica, pois aquilo que os crentes experimentam, mesmo que de forma oculta – também através de frutos da criação – no agora por meio do serviço divino, a saber, a Παρουσία do Senhor, eles juntamente com toda a criação desfrutarão plenamente na eternidade. “Aquele que vem à igreja reunida no partir do pão é o mesmo Senhor que virá no final dos tempos para cumprir todas as coisas, reinando desde o presente, embora de modo invisível” (CULLMANN, 2002, p.279-280).

Este Senhor, no fim das contas, é a *bendita esperança* em pessoa. E nessa esperança fomos salvos! (Rm 8.24a). Por isso: “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA. Português. *Bíblia de Estudos da Reforma: antigo e novo testamento*. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BIBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento*. 3.ed. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CTCR – LCMS. *Together with All Creatures. Caring for God’s Living Earth*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2010.

LATHROP, Gordon W. *Holy Things: A Liturgical Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002.

GIBBS, J. *Christ is Risen, indeed Good News for Him and for us*. St. Louis: Concordia Pages, 2014.

HAHN, S. *O Banquete do Cordeiro: A Missa segundo um convertido*. Trad. Barbara T. Lambert. Lorena: Cleofas; Ipiranga: Loyola, 2014.

HUMMEL, Horace D. Vertical Typology and Christian Worship. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v.73, n.1, 2009.

JUST JR. A. A. *Heaven on Earth: The gifts of Christ in the Divine Service*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2008.

LADD, G. *A presença do futuro*. Trad. Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd, 2021.

_____. *O Evangelho do Reino*. Trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008.

LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Comissão Interluterana de Literatura (Org.). Trad. Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

LUTHERAN SERVICE BOOK. St. Louis: Concordia Publishing House, 2006.

NAFZGER, S. H. et al. (Eds.). *Confessando o Evangelho: uma abordagem luterana da Teologia Sistemática*. V.2. Trad. Rudi Zimmer. Porto Alegre: Concórdia, 2022.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. rev. Münster: Deutsche Bibel Gesselsachft, 2012.

RORDORF, W. “Didaché”. In.: Di BERARDINO, A. *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEITH JR., G. E. *Espiritualidade da Cruz – Os caminhos dos primeiros evangélicos*. Trad. Paulo S. Albrecht. Porto Alegre: Concórdia, 2014.

WIETING, K. *The Blessings of Weekly Communion*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2017.

WRIGHT, N. T. *Surpreendido pela Esperança*. Trad. Jorge Camargo. Viçosa, MG: Ultimato, 2009.